

ASPECTOS PSICOLÓGICOS DO ABORTAMENTO

Daniela Pedroso

A reprodução e o exercício da sexualidade deveriam ser sempre atos desejados e planejados, pois assim não ocorreriam gestações não desejadas, as quais ocorrem em um momento pouco favorável, inoportuno, ou acontecem em uma pessoa que não deseja engravidar.

Por que em uma época em que existem meios para regular a fertilidade, as mulheres ainda enfrentam esse problema?

- Porque as mulheres e seus parceiros desejam menos filhos;
- Porque ainda nem todas as pessoas podem controlar sua fertilidade;
- Porque existem relações sexuais que não são voluntárias e nem desejadas, cuja expressão extrema é a violência sexual, ou quando existe uma forte pressão social para o início da vida sexual, como acontece em alguns grupos de adolescentes;
- Porque os métodos anticonceptivos falham e não há nenhum que seja 100% efetivo.

O momento da decisão em relação ao que fazer frente a uma gestação não desejada é um momento solitário e doloroso para a mulher e aqueles que a rodeiam, e traz inúmeras consequências. O abortamento não é visto pelas mulheres que o elegeram como uma preferível, ou desejável, forma de contracepção. O abortamento só ocorre porque uma gravidez é indesejada e somente as mulheres que tomam essa decisão sabem exatamente porque o fazem. A experiência de uma gestação não desejada, mais propriamente do que o abortamento por si só, pode ser a causa de alguma culpa ou depressão existente.

Diante de uma gravidez indesejada, a mulher deve ser conscientizada da existência de opções frente à situação, a saber: manter a gestação até o seu término e inserir a futura criança na família, manter a gestação até o seu término e proceder com os mecanismos legais de adoção para o processo de adoção ou interromper a gestação através do abortamento. Os motivos que levam ao abortamento podem variar desde o risco de morte materna, anomalia fetal, gestação decorrente de violência sexual, até questões pessoais.

As respostas emocionais ao abortamento induzido legalmente são altamente positivas. Os problemas emocionais que resultam do abortamento são raros e menos frequentes do que aqueles que surgem após o parto de uma gravidez indesejada. Estudos nos últimos 25 anos apontam o abortamento como um procedimento relativamente saudável em termos de efeitos emocionais. Há uma reação de alívio por parte das mulheres após o abortamento e o mesmo não afeta desfavoravelmente a maioria das mulheres. Quase todas as mulheres assimilam a experiência do abortamento entre seis meses e um ano após o procedimento.

Questionadas após o abortamento, acima de 98% das mulheres não apresentaram remorso e fariam a mesma escolha novamente sob as mesmas circunstâncias. Mais de 70% das mulheres expressaram desejo por uma criança no futuro. Pode-se ainda afirmar que, mulheres que abortaram, não sofreram efeitos psicológicos adversos.

A maioria das mulheres não experimentou problemas psicológicos ou arrependimentos dois anos após o abortamento. As adolescentes que escolheram abortar estão mais próximas de completar o

ensino médio na idade esperada do que aquelas de status sócio econômico semelhante que levaram a gestação a termo.

Um estudo oito semanas após o abortamento concluiu que:

- 70% das mulheres continuaram no seu relacionamento pré-abortamento, 5% estabeleceram novos relacionamentos e 20% não tinham parceiro sexual;
- 45% descreveram que seus sentimentos sobre seus parceiros não mudaram, 39% se sentiram mais perto de seus parceiros e 16% se sentiram menos próximas de seus parceiros ou descreveram sentimentos variáveis;
- 46% sentiram que a qualidade de seus relacionamentos não mudou, 16% sentiram que seu relacionamento melhorou e 10% sentiram que seu relacionamento piorou;
- 98% das mulheres com companheiro retomaram relacionamento sexual.

Diante de uma solicitação de abortamento negado, o risco para a saúde mental das mulheres frente a uma gestação indesejada é maior quando elas não têm escolha. Tinta e quatro por cento das mulheres que tiveram o abortamento negado reportaram que de um a três anos a criança se tornou um peso do qual frequentemente elas se ressentiam.

As respostas psicológicas ao abortamento são menos sérias do que aquelas experimentadas por mulheres que levam sua gestação indesejada a termo e doam a criança para adoção. Praticamente todas as mulheres acreditaram que entregar o bebê para adoção poderia causar trauma emocional maior que o abortamento. Elas acreditaram que poderiam desenvolver uma profunda afeição emocional ao bebê.

É possível afirmar que a “Síndrome traumática do abortamento” é mais mito do que realidade, sendo que a Associação Americana de Psicologia não a reconhece e mais de 250 trabalhos científicos desmentiram a existência dessa síndrome.

A Associação Americana de Psicologia concluiu que o abortamento legal não cria danos para a maioria das mulheres submetidas ao procedimento. Vinte e um por cento das mulheres americanas realizam abortamento, portanto, se houvesse severas reações emocionais existiria uma epidemia de mulheres procurando tratamento psicológico, o que não acontece.

Dante de tudo o que foi colocado, podemos levantar algumas questões para reflexão futura:

- Por que não podemos ser sensíveis ao direito de escolha dessas mulheres?
- Por que não deixar que as mulheres optem se desejam realizar ou não um abortamento?
- Por que não fazer valer o direito ao aborto enquanto Direito Humano das mulheres?

“Os direitos humanos não estão escritos nas estrelas, cabe aos homens contruí-los”.

(Albert Einstein, 1954)